PALAVRAS POUCAS... HISTÓRIAS MUITAS..., Danusia Apparecida Silva, Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC, Lages/SC.

Resumo: O livro *Abrindo caminho* de Ana Maria Machado, de forma concisa e lúdica representa os obstáculos que personagens importantes tiveram em suas vidas. Suas ações e situações vivenciadas ampliaram o mundo, romperam dogmas e provaram que a evolução é um sempre contínuo. Isentas de preocupação pedagógica as histórias subjacentes a cada verso como "No meio do caminho de Dante tinha uma selva", encerram conhecimento, ficção e diversão. O trabalho desenvolvido tem como objetivo a proposição da Literatura Infantil e Juvenil na perspectiva da ampliação do conhecimento científico do mundo e a conquista dos valores, idéia e criatividade, que se encontram em gestação nas cabeças dos leitores.
Palavras-chaves: Conhecimento científico, descobertas, invenções, ficção.

Livre da exemplaridade ou da preocupação de transmitir valores dogmatizados, o livro *Abrindo caminho* prioriza a criatividade, busca fortalecer a arte da vontade de conhecer – chave mágica que abre todas as portas do universo -, transforma em começo o que era dado como ultimado. Ao longo da história, o gênero em questão, situa-se ora no plano literalmente da ficção, ora no plano pedagógico, controvérsia que, segundo Coelho (2000), prolonga-se na linha da inquirição: instruir ou divertir?

Nesta encruzilhada, as divergências, por vezes, se polarizam ou confluem e grandes obras apresentam-se como bivalentes. O escritor quase sempre, segue a tendência da época, ao sistema vigente ou à substituição de valores. Focado nessa perspectiva, o livro *Abrindo caminhos*, de Ana Maria Machado elege uma literatura informativa plena de fatos científicos comprovados, de situações reais acontecidas e irrefutáveis.

Nas representações traçadas pela escritora, enfatizadas pelas ilustrações de Elisabeth Teixeira, o livro alcança a fusão ideal e chama a atenção do leitor para a importância da curiosidade no processo da vida... Com maestria Ana Maria Machado compilou os feitos de homens desbravadores que romperam dogmas de seu tempo e mostraram que a evolução é fenômeno incessante. Uma vez abertos, os horizontes tornam-se infinitos. A narrativa desenvolve-se em torno dos feitos de Dante Alighieri, Carlos Drummond de Andrade, Tom Jobim, Cristóvão Colombo, Marco Pólo e Santos Dumont.

Na selva densa e escura, Dante é atacado por três feras: uma onça, um leão e uma loba símbolos dos pecados que mais afligem o homem: a avareza, a sensualidade e a soberba. Dante Alighieri, nascido em Florença, Itália, genial poeta e homem público investido de missões diplomáticas, escreveu sonetos amorosos celebrando sua paixão mística por Beatriz a quem também dedicou sua obra magna *A Divina Comédia*, um extenso épico que revela sua ascese, expiação e encontro com Deus.

Também em a *Divina Comédia*, a selva quase impenetrável, a exemplo dos contos de fadas, simboliza o inconsciente do homem. Sentindo-se perdido, Dante é coagido a encontrar seu próprio caminho para se tornar independente. Na busca do esquema que dava estrutura a sua vida pregressa encontra um ajudante, Virgilio, que o acompanha em sua famosa peregrinação. Leva Dante ao inferno, depois ao purgatório e prossegue até alcançar o céu no final da jornada.

Embora a leitura desse autor, nos dias de hoje, seja escassa, merece ser referendada por se tratar de um clássico, que no dizer de Calvino (1990), predomina à atualidade mais incompatível, além de permitir ao homem entender aonde chegamos, bem como aonde poderemos chegar. Movido, pois, pelo espírito de descobrir, de transpor as fronteiras já defasadas o homem vem incessantemente abrindo novas portas para o espírito humano.

A título de contextualização vale citar o CD “Dante 05” produção da banda Sepultura (2000). Trata-se de uma adaptação contemporânea de *A Divina Comédia* escrita no século XIV. Num som pesado, distorcido e barulhento permeia a letra eivada de guerras, terrorismo, sofrimento e fome no Inferno que é a parte mais explorada. Na música, o Purgatório representa o mundo em que vivemos, enquanto o Paraíso faz referência à possibilidade de paz entre os países.

A necessidade de uma compreensão objetiva do mundo por meio de metáforas traz à tona os versos de Carlos Drummond de Andrade, brasileiro, cuja estatura poética equipara-se à de Camões e à de Fernando Pessoa. Do poema *No meio do caminho*, Ana Maria Machado selecionou a frase essência: “No meio do caminho tinha uma pedra”, representação de muitos impasses na viagem cotidiana de todos nós. O pequeno verso abre-se a múltiplas interpretações e, segundo o próprio Drummond, serve para dividir no Brasil as pessoas em duas categorias mentais (1971, p. XXV).

Através de uma imagem simbólica e da reiteração de um mesmo verso, o poeta desenvolve a idéia-núcleo, a idéia fixa de encontrar sempre no meio do caminho um obstáculo, um impedimento à realização de seus intentos. As retinas fatigadas do itabirano de ferro guardam a imagem de uma insignificante pedra que em seus tempos de infância atirava-a para muito longe, para além das Alterosas, brincando com seu estilingue.

Mas crescido o menino, a pedra assume conotações existenciais e sua inquietação intelectual promove-o a poeta, contista, cronista, que em traços lançados “a torto e a direito” no papel revelam a imagem interior do homem circunspecto: “Quando nasci, um anjo torto/desses que vivem na sombra/disse: Vai, Carlos! Ser *gauche* na vida”.

A matéria mineral dura e sólida da natureza das rochas impõe-se a Drummond como alpondras, ou seja, pedras de passagem de uma parte para outra, “permitindo-lhe [...] descobrir a relação entre um objeto e um sujeito claramente distintos um do outro e ao mesmo tempo, unidos um ao outro”. O obstáculo, lembra Coelho (2000, p. 50), exerce no poeta “o poder de fecundação e de propagação de idéias, padrões ou valores inerentes ao fenômeno literário e através dos tempos tem servido à humanidade engajada no infindável processo de evolução que a faz

avançar sempre e sempre”. A pedra que surgiu no meio do caminho de Drummond não o impediu, porém, de abrir novos e incontáveis caminhos na literatura brasileira.

Dos versos de Drummond à *Águas de Março*, de Antonio Carlos Jobim, a diferença reside no elemento que intercepta o caminho. No meio do caminho de Tom tinha um rio, contudo, tão desafiador quanto à pedra. O que subjaz no texto do mineiro vem esmiuçado, numa abundância de substantivos na composição do carioca: É a lenha é o dia é o fim da picada/ É a garrafa de cana é o estilhaço na estrada/ É o projeto da casa é o corpo na cama [...]. A análise do poema enquadra-o no sistema binário: vida e morte, pontos extremos da existência cujo espaço o poeta preenche com o ritual de instantes e fazeres tão singelos, tão triviais, quase imperceptíveis aos menos sensíveis.

Ao longo da composição musical as palavras soltam faíscas, avivam imagens, lendas e crendices do folclore brasileiro revalorizando-as: É o Matita Perera, uma pequena coruja, considerada agourenta. Segundo a crença indígena, os feiticeiros e pajés se transformam neste pássaro para se transportarem de um lugar para o outro e exercer suas vinganças (CASCUDO, 2000, p. 567).

O uso repetido do verbo ser, cada linha poética inicia com é, confere ao texto notável estaticidade e num jogo aparentemente pueril, Tom vai mostrando o sem fim e sem parar das coisas vivas e dos caminhos que se apresentam ao homem do interior. Não obstante, as águas de março fecharem o verão, de o pau e a pedra indicarem o fim de um caminho, levando o homem à solidão, uma promessa de vida persiste em seu coração. O pensar leva o homem a encontrar soluções.

No meio do caminho de Dante teve uma selva.

No meio do caminho de Carlos teve um túnel.

No meio do caminho de Tom teve uma ponte.

No meio do caminho de Marco Pólo tinha inimigo e deserto.

O veneziano Marco Pólo, movido pelo desejo de conhecer o mundo para conhecer melhor a si mesmo, desperta-se do sono medieval. Enfrenta abismos, montanhas, geleiras, desertos, visita empórios, depara-se com culturas inusitadas e tudo registra de maneira cuidadosa e fiel. Descreve para Kublai Khan, a quem serviu durante muitos anos, as incontáveis cidades do imenso império do conquistador mongol a quem aconselhou: “De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá as nossas perguntas”. (CALVINO, 2005, p. 152).

Um público cada vez mais numeroso ouvia extasiado o brilhante e fecundo contista. Até hoje suas histórias correm mundo. Marco Pólo é considerado o iniciador dos grandes descobrimentos. À época, a civilização européia partiu à conquista do resto do mundo, inaugurando, assim um período de intenso progresso. Percorreu o vastíssimo império de Gêngis Kan e sua fama ficou gravada na história pela pena de Rustichello: “E jamais existiu homem algum, cristão, sarraceno, tártaro ou pagão, que tanto investigasse no mundo, quanto o fez Marco Pólo, nobre e grande cidadão de Vinegia” (TRÓPICO, 1960, v. 1, p. 30).

Mas... no meio do caminho de Cristóvão Colombo tinha um oceano.

Desde a Odisséia, atravessar os mares representa uma aventura simbólica cujo tema se fixa nas viagens reais ou imaginárias. Na epopéia a glória do descobridor não era pessoal, mas de uma nação, cabendo aos descobridores elevar seus países ao nível de Atenas e Roma. A figura do descobridor, inventor ou conquistador respalda-se, conforme a mitologia, na *hybris* e o homem na tentação de igualar-se aos deuses, é impelido ao desconhecido, à busca da fortuna e do ouro, descoberta suprema, a apoteose. A busca do desconhecido é sempre uma descida às profundezas para de lá trazer à luz o ouro filosofal, o conhecimento.

O homem renascentista concebia os novos caminhos como uma ampliação de conhecimentos e, movido por esse pensar, Cristóvão Colombo transpôs os limites de um mapa antigo a fim de encontrar a continuidade de um mundo esférico ideal cujos extremos estariam ligados no grande oceano. Na visão de alguns exegetas, Cristóvão Colombo é o arquétipo do descobridor, predestinado mensageiro de Deus para descobrir a América. Como todos os genoveses, Cristóvão amava o mar e desde muito jovem executava missões comerciais em todos os portos do Mediterrâneo. Navegar naqueles tempos, quando os instrumentos náuticos eram tão precários, significava lançar-se à aventura e correr muitos riscos. Incansável, porém, velou noites e dias sobre as bússolas e o leme, corrigiu rotas, sempre atento aos fenômenos que surgiam até atingir as costas de Honduras, Costa Rica e Panamá.

Muito embora tenha sido o primeiro civilizado a tocar nessas novas terras e o maior responsável pela anexação de um novo continente ao mundo geográfico, morreu olvidado por todos e o novo mundo foi batizado com o nome de América em homenagem a outro navegador mais afortunado: Américo Vespucci. (TRÓPICO, 1960, p. 253-257).

Quando era garotinho,
um garotinho mineiro,
Alberto Santos Dumont
Brincava com os amiguinhos,
(muito arteiro)
e perguntava assim:
- “Passarinho voa?
- Voa!”
(Sylvia Orthof)

Alberto Santos - Dumont, ou Santos = Dumont, com ele costumava escrever deu início à era da aviação. Contava 33 anos de idade quando, diante de uma multidão, fez um aparelho mais pesado que o ar voar.

Imitar os pássaros, voar foi o maior sonho do homem, desde remotos tempos; e nesse ato mimético ao de Ícaro o menino filho de família tradicional das Alterosas voa nas leituras das obras *Cinco Semanas em Balão*, *Vinte mil léguas submarinas*, de Júlio Verne, o pai da ficção científica, imaginando-se um herói. Ele mesmo confessou a influência dessas leituras, quando assim se expressou: “Senti um bafejo

de esperança quando meu pai me anunciou que ia construir um caminho de ferro para ligar a fazenda à Mogiana; pensei que, nessas locomotivas, que deviam ser pequenas, iria encontrar base para minha máquina, realizando, assim, as ficções de Júlio Verne [...]".(TRÓPICO, 1960, p. 308).

Compreendeu que era necessário aprofundar seus conhecimentos, estudar e nada melhor que Paris para realizar seu desejo. Para tanto recebeu de seu pai, o maior cafeicultor do início do século XVII, no Brasil a parte da herança que lhe cabia, acompanhada das palavras: Meu filho, já lhe dei a liberdade. Aqui estão os recursos. Vamos ver como se comporta, como se torna um homem. Mas, tome cuidado, que Paris é o lugar mais perigoso, mais cheio de tentações para um rapaz: Tenho, ainda, alguns anos de vida, que Deus o abençoe [...] Mas não se esqueça de que o futuro do mundo se encontra na mecânica. (TRÓPICO, v. 2, p. 308).

Ao longo de sua carreira, construiu mais de vinte aeronaves e sofreu vários acidentes, alguns quase fatais, mas nunca desistiu. Quando voou com o 14-BIS em outubro de 1906, em Paris, seu feito foi notificado no mundo inteiro, e os jornais anunciaram a conquista do ar. Foi com este avião que Santos Dumont virou Pai da Aviação.

Em seu livro *Sonhando Santos Dumont*, Sylvia Orthof narra ludicamente as modas criadas pelo inventor da máquina de voar:

Certo dia, num impulso,
Dumont foi a um joalheiro,
pedindo confecção
de um relógio, o primeiro,
dos tais relógios de pulso.
Voando não dava jeito,
com as mãos sempre ocupadas,
de tirar da algibeira
um relógio de corrente.
Hoje, o relógio de pulso
serve bem a tanta gente.
Seu poder criativo foi além

Seu poder criativo foi além: criou o chapéu com abas tortas, e em Petrópolis (Rio de Janeiro) projetou sua casa a Encantada, bem assentada no morro, com uma escada esquisita: cada degrau comportava somente um pé. No quarto de banho, um balde virou chuveiro com água bem quentinha aquecida a álcool. Pioneiro e idealista Santos Dumont deu à humanidade uma grande contribuição. Queria que o avião, sua máxima invenção, unisse mais as pessoas, encurtasse as distâncias e promovesse o desenvolvimento econômico entre os países.

O registro realista sobre homens cujas descobertas e invenções deram novos rumos, abriram novos caminhos à humanidade não exclui a fantasia, a imaginação. Ao contrário conjuga-as, provoca discussões e reflexões. Configurada a uma pequena grande antologia o livro *Abrindo caminho*, de Ana Maria Machado ratifica a

posição de Coelho, quando declara ser a literatura, o grande eixo para a formação da visão de mundo; uma espécie de “sismógrafo” daquilo que aconteceu e acontece na História, na sociedade, no cotidiano, na cultura em geral. (FNLIJ, 2/2007). Realista ou fantasista literariamente as duas correntes coexistem e desencadeiam novas formas de representação da experiência humana.

Contar histórias pela linha do pensamento lógico, em tempos que o homem abre caminho no espaço planetário, lança satélites, chega à lua e busca um outro planeta para habitar, aguça a descoberta de caminhos como o fizeram Dante, Drummond, Tom Jobim, Colombo, Marco Pólo e Santos Dumont. O inexaurível prazer do novo conjugado à curiosidade compulsiva de transformar obstáculo em solução, fim em começo permite ao homem dizer que viver é uma aventura infinita na sua capacidade de produzir conhecimento.

Referências bibliográficas

BRUNEL, Pierre (org.). **Dicionário de mitos literários**. Rio de Janeiro: José Olimpio, 1997.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASCUDO, Luís de Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

FUNDAÇÃO Nacional do livro infantil e juvenil. Seção brasileira. International Board on Books for young people. **Notícias 2**, fev. 2007.

MACHADO, Ana Maria. **Abrindo caminhos**. São Paulo: Ática, 2005.

ORTHOF, Sylvia. **Sonhando Santos Dumont**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1997.

TELES, Gilberto Mendonça. **Carlos Drummond de Andrade**: seleta em prosa e verso. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

TROPICO, Enciclopédia ilustrada em cores. Vol. 1 e 2. São Paulo: Martins, 1960.